

UMA BREVE ANÁLISE E POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE O POEMA “A IMPLOÇÃO DA MENTIRA”, DE AFFONSO ROMANO DE SANT’ANNA E O ROMANCE “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”, DE JOSÉ SARAMAGO.

Leandro Ismael de ALMEIDA

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Ipanguaçu. Endereço: Rua Carolina Wanderley, número 38, Cohab. Açu – Rio Grande do Norte.
E-mail: leandromoreno@hotmail.com

Este artigo, concorrente a exposição e publicação pelo V Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica (CONNEPI 2010) está vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Linguagem, Ensino e Humanidades, sob orientação do Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Professor de Literatura e Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Ipanguaçu, Marcel Lúcio Matias Ribeiro. O artigo propõe, por intermédio da pesquisa científica, analisar os textos “A Implosão da Mentira”, de Affonso Romano de Sant’Anna e “Ensaio Sobre a Cegueira”, de José Saramago, fazendo paralelo entre os textos no tocante às estruturas sintáticas estilísticas e às suas temáticas, abordando, assim o estudo científico tanto da linguagem quanto da abordagem da identidade e existencialismo a partir de questões sócio-políticas e antropológicas. Tem como resultado a inclusão dos alunos do Campus Ipanguaçu no trabalho do núcleo de pesquisa na investigação da questão de identidade nos textos literários e os processos de subjetividade na interação “leitor/texto” a partir do trabalho de leitura e aplicação do texto literário em sala de aula e desenvolvimento de projetos no ensino de línguas materna e estrangeiras; planejando também a construção de instrumentos pedagógicos interdisciplinares.

Palavras-chave: Saramago, Sant’Anna, Cegueira, Mentira.

1. INTRODUÇÃO

As possíveis relações que podem haver entre o texto de Saramago e o de Sant’Anna vão desde a opção por utilizar de formas sintáticas criativas e até revolucionárias em suas escritas, do tom irônico e protestante com que expressam seus pensamentos sobre as causas sociais, até a forma como abordam essas causas, não só no âmbito generalizante do estudo social, mas de uma forma simultaneamente especializada e universal: A abordagem antropológica. Com base na leitura, análise e pesquisa de ambos os textos, sob orientação da Coordenação do Núcleo de Pesquisa em Ipanguaçu, vêm a seguir as possíveis relações entre as duas obras, que o artigo propõe destacar.

2. AS FORMAS ESTRUTURAIS PECULIARES EMPREGADAS NOS TEXTOS:

Nos textos de Sant'Anna e de Saramago percebe-se o emprego de novas formas de se escrever. No poema de Sant'Anna há uma exploração das palavras em que se emprega o sufixo "mente":

*"E assim cada qual
mente industrial?mente,
mente partidária?mente,
mente incivil?mente,
mente tropical?mente,
mente incontinente?mente,
mente hereditária?mente,
mente, mente, mente."*

Penúltima estrofe do Fragmento 2 do poema *A Implosão da Mentira*, de Affonso Romano de Sant'Anna.

Esse jogo com as palavras e frases acontece em quase todo o texto e trás, criativamente, um sentido implícito ao poema. Dessa forma, enquanto o poema está sendo lido, há um interessante efeito na sonoridade do texto: À medida que o poema é recitado, é como se, sutilmente, percebessem-se vozes sussurrando a palavra "mente". Essa foi uma forma original de manter em todo o texto a sua ideia central: A Mentira como maior mal que afeta a Humanidade.

A obra de Saramago também trás em si marcantes formas em sua escrita. Inquestionavelmente o escritor revolucionou a escrita em sua obra. O mais interessante é que ele adota "*uma forma não canônica (apesar de o autor fazer parte do cânone literário)*". Disse o jornal português Público, sobre o escritor. É exatamente dessa forma que o Nobel da Literatura estrutura seus textos: Com a falta do travessão, o que identificaria o interlocutor no diálogo, e também o início das falas de cada personagem é assinalado por uma capitular. Também no texto se vê a frase característica da escrita de Saramago, uma frase quase sem pontos finais e cadenciada na pausa das vírgulas. "*Era como narrador oral que Saramago se via quando escrevia e inovou na maneira como utilizava o ponto final e a vírgula (ele chamava-lhes "os sinais de pausa") dando à frase outro ritmo dado pela oralidade.*" Disse ainda o jornal, acerca do escritor. A partir daí já se percebe quão curiosa e criativa é a forma e o ritmo com os quais o escritor estrutura seus textos. E o mais instigante é quando, no decorrer da densa narração, há diálogo entre os personagens de sua prosa, pois é quando se nota mais claramente a forma empregada pelo escritor:

"Os grupos que por aí existem devem ter chefes, alguém que mande e organize, lembrou o primeiro cego, Talvez, mas neste caso tão cegos estão os que mandem como os que forem mandados, Tu não estás cega, disse a rapariga dos óculos escuros, por isso tens sido a que manda e organiza, Não mando, organizo o que posso, sou, unicamente, os olhos que vocês deixaram de ter..."

Trecho de diálogo entre os personagens, no romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, página 245.

Como resposta a perguntas acerca de sua forma de escrever nunca ter sido usada antes, o escritor, modesto, afirma que o interessante não é se nunca foi usada antes, mas, a intensidade com que se usa: "*Não é uma coisa nova, mas de uma maneira nova*". Disse o escritor ao jornal Público.

Ambos os escritores, não só nessas obras que aqui se analisam, mas em grande parte de seus trabalhos, destacaram-se por suas formas de escrita, o que causou espanto, não só no momento em que as produziram e publicaram (No caso de Sant'Anna, num período pós ditadura militar no Brasil, e no de Saramago, em Portugal no fim do exaurido século XX), mas até hoje, tornando o impacto de suas obras tão atual quanto se possa ser.

3. O CUNHO DE PROTESTO POLÍTICO-SOCIAL:

Em ambos os textos fica perceptível o protesto não só político-social, mas também moral. O interesse em usar da Arte para falar pela classe trabalhadora, mais fraca e menos favorecida, bem como denunciar os abusos e corrupções da minoria governante tem sido também uma marca da obra tanto de Saramago como de Affonso Sant'Anna.

*“Sei que a verdade é difícil
e para alguns é cara e escura.
Mas não se chega à verdade
pela mentira, nem à democracia
pela ditadura*

(...)

*Mentem como se Colombo partindo
do Ocidente para o Oriente
pudesse descobrir de mentira
um continente*

(...)

*Mentem desde Cabral, em calmaria,
viajando pelo avesso, iludindo a corrente
em curso, transformando a história do país
num acidente de percurso*

(...)

*Evidente/mente a crer
nos que me mentem
uma flor nasceu em Hiroshima
e em Auschwitz havia um circo
permanente.”*

Trechos do poema *A Implosão da Mentira*, de Affonso Romano de Sant'Anna.

O poema *A Implosão da Mentira* foi publicado em diversos jornais num período que ainda respirava os efeitos da ditadura militar brasileira, tratando, sutilmente, de variados casos em que foram trocados o valor humano e o bem social por causas e interesses políticos sem ética no desenrolar, não só da história brasileira, mas no decorrer da História universal. E é exatamente essa a proposta de Sant'Anna, pois faz relações desde a conquista do Brasil por Cabral até a ditadura política, como se o país estivesse desde seu início a viver sob a mentira e corrupção. Bem como faz alusões a eventos internacionais como a conquista da América por Colombo e a Segunda Guerra Mundial com a detonação da primeira bomba nuclear usada contra seres humanos, em Hiroshima e Nagasaki, e os campos de concentração nazistas, como em Auschwitz.

“Será um governo de cegos a governar cegos...”

Trecho do romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, página 244.

*“Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que vendo,
não vêem.”*

Trecho do romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, página 310

“O medo cega (...) já éramos cegos no momento em que cegámos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos.”

Trecho do romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, página 131

“Quantos cegos são precisos para fazer uma cegueira...”

Trecho do romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, página 131.

José Saramago, em seu romance, também realça o seu protesto quanto às causas sociais. Sendo que sua forma de tratar desses assuntos é geralmente chocante, não só em seus livros, mas em artigos de opinião que costumava publicar, cotidianamente, em seu Caderno, um espaço virtual em que publicava na internet suas opiniões acerca de vários assuntos da atualidade no mundo. O texto *Ensaio Sobre a Cegueira* é muito disso, por trás dessa cegueira que o autor criou há toda uma fábula, uma ligação com a realidade em que o mundo se encontra. As citações acima são questionamentos e conclusões feitos pelos personagens, onde o autor tenta fazer com que o leitor pare e reflita sobre a situação em que se encontra a sociedade. Eles fazem refletir quanto à forma de governo que se tem constituído, segundo o autor, um “governo de cegos”, pessoas cheias de si, perdiditas no espaço de seus próprios umbigos, que confundem causas de interesse coletivo com questões de benefício pessoal. Infelizmente a maioria dos governantes assim mesmo é que destrói a cidade, estado ou país a que lhe foi confiado como proposta inicial de governo e assunto de seus discursos nos comícios em campanhas políticas, o cargo de representante, a fim de fazer crescer as dependências sobre as quais governa e promover-lhes melhorias em infra e supra-estruturas. Um governo cego que governa um povo cego, que vendo, não vê, ou simplesmente finge não ver, quer seja por desinteresse nas causas políticas, como se elas não tivessem influência em suas vidas, assim cometendo o pecado da auto-alienação, ou mesmo por medo de expor seus pensamentos e sua crítica uma vez que, não foram poucos os que tiveram suas línguas engolidas sob sete palmos de terra por terem se manifestado. Assim fica o último questionamento “*Quantos cegos são precisos para fazer uma cegueira*”, feito pelos personagens do romance, sem uma resposta fácil e definida.

4. ANÁLISE DA “MENTIRA”, DO POEMA DE SANT’ANNA E DA “CEGUEIRA”, DO ROMANCE DE SARAMAGO E A POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE ELAS.

Como já exposto até o momento, para Affonso de Sant’Anna, toda ruína pela qual passa a sociedade atual deve-se muito à desonestidade, corrupção e mentira. E isso ele soube dar muito bem em sua poética:

*“Mentiram-me. Mentiram-me ontem
e hoje mentem novamente. Mentem
de corpo e alma, completamente.
E mentem de maneira tão pungente
que acho que mentem sinceramente.”*

Trecho do Fragmento 1 do poema *A Implosão da Mentira*, de Affonso Romano de Sant’Anna

Curiosamente, em um dos artigos opinativos em seu Caderno, Saramago publicou pensamentos interessantes, tomando como base o governo do então presidente dos Estados Unidos George W. Bush, quanto à mentira como mal comum entre os seres humanos, tendo como consequência os problemas político-sociais:

“A sociedade humana actual está contaminada de mentira como da pior das contaminações morais (...) A mentira circula impunemente por toda a parte, tornou-se já numa espécie de outra verdade (...) política é, simplesmente, uma das alavancas do negócio, e talvez a melhor de todas, a mentira como arma, a mentira como guarda avançada dos tanques e dos canhões, a mentira

sobre as ruínas, sobre os mortos, sobre as míseras e sempre frustradas esperanças da humanidade.”

E Saramago, em seu romance, tenta resumir todo esse mal, a mentira que Sant’Anna também cita em seu poema, definindo-o, curiosamente, como uma deficiência de um dos sentidos – A cegueira. Deficiência essa que, segundo a narração do romance, se manifesta como inédita na História: Uma cegueira que surge, sem qualquer precedente, de uma hora para outra em seus afetados. Cegueira essa que, aos exames médicos e oftalmológicos, sequer apresenta lesão qualquer nas estruturas oculares ou nervosas de quem a sofre e ainda assim, se espalha entre a população numa rapidez assustadora, cegueira essa que, além de todas essas estranhezas que apresenta à luz de todo conhecimento reunido no decorrer da formação da literatura medicinal, se mostra num detalhe singularíssimo e perturbador para qualquer leitor, a saber, o fato de não se apresentar como “negra”, mas “branca”. Ora, sendo assim, essa indefinição quanto ao que seja esse mal, dificultou os diagnósticos médicos e conseqüentemente o tratamento em busca de uma cura, apavorando a sociedade e fragilizando os baluartes sobre os quais se aloja o mundo então conhecido.

A cegueira, propriamente dita, é a incapacidade, total ou parcial (quer seja por más formações ou lesões nas estruturas óticas e/ou nas nervosas responsáveis pela captação das imagens e envio delas para o cérebro) de exercitar o sentido da visão, este que, para ser exercitado necessita capturar a luz externa para visualização das formas e cores do ambiente em que esteja o indivíduo portador de visão. A cegueira descrita no romance parece ser total nos indivíduos, pois eles alegam nada enxergar. Isso facilmente seria entendido como inaptidão de captar a luz para perceber o ambiente visualmente, mas ocasionaria que a cegueira fosse “negra”, sendo que o “negro” é nada mais que a ausência total de toda a luz e cor. O que não é o caso dos cegos do romance, pois eles percebem o branco. E como se sabe, essa sensação é totalmente contrária à do negro, pois se o negro é a ausência das cores, o branco é justamente a mescla de todas elas. Analisando isso, é possível interpretar esse caso de uma nova forma. Sendo assim, essa cegueira talvez pudesse ser (longe de tentar aqui negar o que o romance já diz, mas apenas interpretar de outra maneira, baseando-se em impressões percebidas no texto) entendida não exatamente como cegueira ao pé da letra, mas de outra forma que possivelmente permita alguma relação maior com o poema de Sant’Anna – Uma ofuscação. Esse termo pode ser entendido como, segundo o dicionário Aurélio, turvação da vista, deslumbramento e impedimento da visão. Ou seja, como se algo estivesse tapando, tomando toda a vista e impedindo que o indivíduo afetado possa enxergar o que está por trás desse “impedimento” que muitas vezes, não somente os cegos, mas inclusive a voz narradora do romance, definem como “mar de leite”, “nevoeiro branco”, “muro branco” e “sóis nos olhos”, deixando mais claro essa sensação de turvação, impedimento e deslumbramento.

Tendo compreensão disso, é possível fazer uma relação mais direta entre a cegueira, proposta por Saramago e a mentira, por Sant’Anna, em direção às causas político-sociais. Pois é justamente a Mentira essa ofuscação que cega sociedade, a Mentira que, assim como a Cegueira, é branca, pois semelhantemente a essa cor, que é a mescla de todas as cores, assim também é a Mentira proposta por Sant’Anna – A mescla de todas as mentiras. Essa Mentira que, assim como um “nevoeiro branco”, encobre a realidade suja, a miséria, desigualdade social, a precariedade da saúde, da educação e o dinheiro nas meias. Essa Mentira que como a Cegueira, que é comparada também a um grande sol dentro dos olhos, inicialmente pode atrair as pessoas com a sua alva luz (As belas promessas proferidas nos palanques e nos debates políticos em rede nacional e os múltiplos programas que servem unicamente de “pão e circo” para alegrar o povo e fazer esquecer a Mentira), mas no fim estará pronta a engolir-lhes os olhos. Com base nisso, poderia haver o irônico trocadilho “*Quantos cegos são precisos para fazer uma cegueira*”, escrito no romance, por “*Quantos mentirosos são precisos para fazer uma mentira?*”, reforçando assim a relação cegueira/mentira. E essa Mentira se perpetua a cada nova seção eleitoral, todos fingindo a Democracia e o voto consciente pelo qual um dia lutaram e hoje subvertem, confirmando o trecho do poema de Sant’Anna que diz:

“E assim cada qual

*mente industrial?mente,
mente partidária?mente,
mente incivil?mente, (...)
mente, mente, mente.
E de tanto mentir tão brava/mente
constroem um país
de mentira
—diária/mente.”*

Trecho do Fragmento 2 do poema *A Implosão da Mentira*, de Affonso Romano de Sant’Anna.

5. A RUÍNA TOTAL DOS VALORES SOCIAIS E MORAIS: UMA ABORDAGEM SÓCIO-ANTROPOLÓGICA.

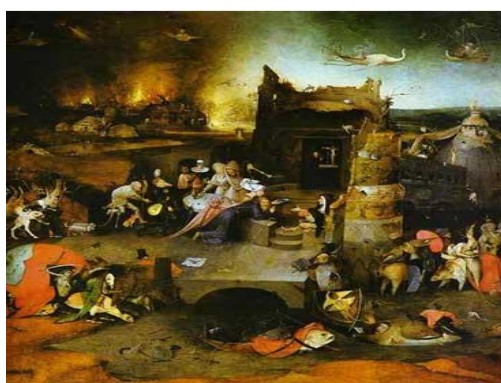


Figura 1- A tentação de Santo Antônio, de 1500, por Hieronymus Bosch. Museu Nacional de Arte Antiga. Lisboa, Portugal.

Como disse bem disse o Doutor em Educação pela PUC-SP; Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), João Luís de Almeida Machado, em um artigo de opinião publicado em Planeta Educação, acerca do texto de Saramago: “*Somente a arte de Bosch (...) consegue se aproximar da insanidade relatada na obra “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago. Coincidentemente essa obra faz parte do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, Portugal.*”

Uma das propostas de Saramago em seu romance é criar um universo subversivo em seu enredo, fazer com que o leitor perceba, de forma nua e crua, o caos social, o abandono de qualquer ordem moral e bom senso, a total desumanização da sociedade. Esse quadro, na narração do romance, começa a ser visualizado quando por medida de segurança pública o Governo decide isolar todos os afetados pela cegueira, inicialmente, em um prédio abandonado da cidade que antes fora usado como manicômio, e adotou, inclusive, guarda policial que impedisse a saída de qualquer cego dos alojamentos, a fim de conter a epidemia enquanto se buscava uma forma de curá-la. Mas, inusitadamente, o surto foge ao controle, afetando toda a população, com misteriosas raras exceções, saturando todas as dependências e alojamentos, todos os recursos de segurança, higiene e saúde. A partir daí “é cada um por si”, e já cabem perfeitamente as frases ditas no romance e também fica mais clara a intenção do autor:

“Regressamos à horda primitiva (...) Com a diferença de que não somos uns quantos milhares de homens e mulheres numa natureza imensa e intacta, mas milhares de milhões num mundo descarnado e exaurido (...)Pêlo com pêlo, bafo com bafo, cheiro com cheiro (...) Só num mundo de cegos as coisas serão o que verdadeira mente são”.

Trechos do romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago.

A narração passa a apresentar as pessoas esquecendo totalmente dos valores de respeito e moral, onde houve um repentino retorno à lei da selva, lei do mais forte e da seleção, onde tudo é válido para se sobreviver. Na verdade a cegueira foi a forma que o autor criou para que o leitor pudesse enxergar que, de fato, é exatamente assim que a sociedade tem se comportado num mundo tomado pelo capitalismo em que se avalia, pragmaticamente, uma pessoa pelo que ela pode produzir, pelo seu valor utilitário e imediato, e não pelo valor do ser em si. Onde para se crescer socialmente, não raro, a minoria favorecida se sobrepõe e humilha à maioria. O que tem como consequência imediata a desigualdade social, e, não raro, a falta de oportunidade ao atendimento das necessidades básicas de educação, empregabilidade e saúde para se viver com qualidade. É essa a sensação que Saramago quer que o leitor tenha, e também a de encarar esses males como conseqüências da natureza má que cada ser humano tem, que por ocasião do surto de cegueira, foi manifesto mais claramente no romance – *“Só num mundo de cegos as coisas serão o que verdadeira mente são”*. A cegueira foi a “desculpa” que Saramago usou a fim de abordar uma temática antropológica com relação à natureza má dos homens ao texto. Como disse ele próprio, por ocasião da apresentação pública do seu romance: *“Este é um livro francamente terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo. Nele se descreve uma longa tortura. É um livro brutal e violento e é simultaneamente uma das experiências mais dolorosas da minha vida. São 300 páginas de constante aflição. Através da escrita, tentei dizer que não somos bons e que é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso”*. O autor faz isso a fim de mostrar ao leitor que essa cegueira de fato é real, bem como Sant’Anna, que adota como assunto de seu texto a desonestidade e a mentira.

6. UM RAIOS DE ESPERANÇA: A POSSÍVEL LUCIDEZ.

Mesmo em meio a tanta desordem e violência que se percebe no decorrer da narração, há uns raros momentos em que se nota, também, expressões de alguma humanidade, alguma solidariedade que, embora não podendo levar a grandes mudanças sobre a realidade caótica em que estavam os personagens vivendo, foi de suma importância para que se mantivesse acesa a fagulha daquilo sem o qual o próprio viver seria como morrer todos os dias – A esperança. E essas expressões de solidariedade e afeto são vistas em algumas cenas da narração, em que uma das consideradas mais fortes é onde se narra quando todas as mulheres do quarto do manicômio onde se alojaram os principais personagens do romance se reuniram para lavar o corpo de uma delas que havia morrido depois de todas terem se submetido a uma noite inteira de estupro pelos homens cegos que haviam se revoltado contra a organização que os mais racionais tinham tentando estabelecer. Uma dessas mulheres que preservou um pouco de humanidade, lembrando que *“a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança”* (Trecho do romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, página 204) e que era a única pessoa naquele ambiente que, por algum motivo, não havia cegado, decidiu estar ali para poder ajudar os cegos e encarar *“a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam”* (Trecho do romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, página 240). Todos sabem que é necessário apegar-se a alguma esperança para se viver. É crendo nisso que Saramago inclui em seu romance a personagem que ainda se mantém com vista, e essa personagem ajuda os demais a tentar sobreviver e usar o que lhes sobrou de pessoas em si. Essa personagem existe no romance justamente para, através dela, se expressar a ideia do autor de que deve haver sim alguma esperança. Pois tanto Saramago quanto Sant’Anna tentaram expressar, apesar de tudo, alguma esperança, a esperança nos possíveis lúcidos que não tenham, milagrosamente, sido afetados pela Cegueira da Mentira. A última fé que ainda resta ao mundo, segundo os autores, está nas pessoas que ainda tenham conservado em si alguma humanidade, algum afeto, alguma consciência e alguma “lucidez”. Alguém que tenha conservado, por assim dizer, os olhos bem abertos para identificar e acusar os males, as injustiças, todos eles decorrentes da mentira e que cegam os homens, para enfim conservar o valor humano.

Por fim, há mais algo nos textos que se faz interessante: Não há um fim definido, se as coisas finalmente ficam bem ou mal. Isso porque a intenção não é propor um “felizes para sempre”, como também não é abrir os “sete selos” do Apocalipse bíblico, mas fazer refletir, tanto Saramago com seu romance-fábula como Sant’Anna, com seu protesto versado, ambos num apelo só de que “(...) *Se não formos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais.*” (Trecho do romance Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago, página 119). Apelo esse lançado a todos os que ainda tiverem olhos para ver ou mesmo ouvidos para ouvir. Cabe a cada indivíduo, particularmente, cada homem e mulher, criança e velho, o manter-se lúcido e construir o presente em função de um futuro, algum futuro. A História lhes pedirá contas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram aqui estabelecidas as possíveis relações existentes entre os textos de José Saramago e Affonso Romano de Sant’Anna, a partir da leitura, análise e pesquisa sobre seus respectivos textos, sob orientação do Núcleo de Pesquisa em Linguagem, Ensino e Humanidades, bem como sua aplicação prática na vivência dos alunos do Campus Ipanguaçu, havendo como resultado a inclusão dos mesmos no trabalho do núcleo de pesquisa, no estudo de textos literários e produção de artigos como este, na investigação dos processos de subjetividade na interação “leitor/texto” a partir do trabalho de leitura e aplicação do texto literário em sala de aula e desenvolvimento de projetos no ensino de línguas, abrindo caminho para que o aluno tenha oportunidade ao aprendizado, ao desenvolvimento da linguagem e à absorção de conhecimento e cultura através da descoberta e estudo da Literatura.

REFERENCIAS

SARAMAGO, José. **Ensaio Sobre a Cegueira**. 1.ed. 52. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. **A Implosão da Mentira**. Affonso Romano de Sant’Anna - Site oficial. Disponível em: <www.affonsoromano.com.br> Acesso em: 21 de Jun 2010.

SARAMAGO, José. **George Bush ou a Idade da Mentira**. Outros Cadernos de Saramago. Disponível em <<http://caderno.josesaramago.org/2008/09/17/george-bush-ou-a-idade-da-mentira/>> Acessado em 23 Jun 2010.

MACHADO, João Luís de Almeida. **Ensaio sobre a Cegueira como uma fábula macabra**. Planeta Educação. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=299>> Acesso em 21 de Jun 2010.

COUTINHO, Isabel. **O Escritor que Revolucionou com a Sua Escrita**. Jornal Público. Disponível em: <http://www.publico.pt/Cultura/o-escritor-que-revolucionou-com-a-sua-escrita_1442703#> Acesso em: 22 Jun 2010.

JÚNIOR, Arnaldo Nogueira. **Biografia Affonso Romano Sant’Anna**. Releituras. Disponível em <http://www.releituras.com/arsant_implosao.asp> Acesso em: 22 Jun 2010.

BOSCH, Hieronymus. **A tentação de Santo Antão**. Musel de Arte Nacional, Lisboa. Disponível em <<http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt/pt-PT/colecoes/artes%20plasticas/ContentDetail.aspx?id=76>> Acessado em: 24 Jun 2010.

AURÉLIO, dicionário. **Ofuscação**. Disponível em <<http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php?P=Ofuscacao>> Acessado em: 21 Jun 2010.